

**Recensão: Nuno Côrte-Real, *Volupia* –
chamber music (CD Numérica, 2012)****Sérgio Azevedo**

NUNO CÔRTE-REAL (n. 1971) É UM DOS NOMES mais exemplares da composição erudita portuguesa da primeira década do século XXI. Compositor que conta já no seu catálogo com mais de quarenta *opus*, que incluem três óperas, diversas peças orquestrais, um bailado e uma oratória, entre outras obras. Côrte-Real divide-se entre dois mundos aparentemente opostos, que cultiva com igual deleite e felicidade de resultado: a música de câmara e a ópera (ou, se quisermos, e de forma mais abrangente, a voz). Some-se a esta actividade original fecunda ainda o trabalho de orquestrador, arranjador, maestro e director/programador artístico (nomeadamente, do *Ensemble DARCOS*, que fundou, e cuja temporada regular programa) e encontraremos um jovem músico a caminho do seu auge, um músico essencialmente prático, que não fala sobre o que escreve, deixando essa tarefa a outros (em particular a Afonso Miranda, que se tem dedicado à tarefa de tentar expressar por palavras a arte dos sons de Côrte-Real), e investindo todo o seu tempo na feitura da música propriamente dita. Côrte-Real, enquanto compositor, segue um já velho preceito (Stravinsky? Berio?) que nos diz que o melhor comentário sobre uma peça de música é outra peça de música ou, dito de outra forma por Elliott Carter, se pudéssemos expressar por palavras o que queremos expressar por música, para quê a maçada de a escrever quando podíamos simplesmente falar, ou escrever um romance?

No entanto, este compositor, tal como a maior parte dos compositores portugueses, não possui uma vasta discografia, e muito menos podia oferecer um CD monográfico que revelasse – mesmo que parcialmente – o seu percurso artístico. *Volupia*, recém-publicado (2012) é, pelo menos em parte, esse disco. Dizemos «em parte», porque *Volupia* engloba apenas alguma da música de câmara de Côrte-Real escrita nos últimos 10 anos (2001 a 2010). Uma imagem mais completa do compositor exigiria alguma das três óperas, e as peças para grandes conjuntos e orquestra, como o *Concerto Vedras*, o *Concerto para Violino – in memoriam Luigi Nono*, a abertura orquestral *Secondo Novecento*, *A incrível jornada de Sousa Mendes* ou *Andarilhos*, se bem que esta última

obra já esteja disponível num CD editado pela Casa da Música. Ainda assim, e face às cada vez maiores dificuldades em fazer sair discos monográficos, mormente com obras orquestrais ou óperas, o aparecimento deste CD é, do nosso ponto de vista, um marco importante para o conhecimento não só da obra de Nuno Côrte-Real, como de parte do que de melhor se tem escrito em Portugal na última década. E é por aqui que gostaríamos de começar a recensão propriamente dita.

A música de Nuno Côrte-Real não se define facilmente, e ainda bem que assim é, pois significa a imunidade completa dos «tiques de escola», aquela formatação despersonalizada tão imediatamente audível em compositores oriundos, digamos, das classes de Nadia Boulanger nos anos de 1920 e 30, dos cursos de Verão de Darmstadt nos anos de 1950 e 60, ou, actualmente, do IRCAM, independentemente da qualidade técnica de cada um destes contextos.

Tal independência, que em Portugal é partilhada por outros nomes, como Alexandre Delgado, António Pinho Vargas ou Eurico Carrapatoso, é notável logo numa das peças maiores deste CD, que lhe dá, aliás, o nome: *Volupia*, opus 35, uma obra para dois violoncelos e piano, datada de 2008. *Ostinati* e outros gestos abruptos são humanizados pela sonoridade luxuriante, voluptuosa, quase «romântica», dos dois violoncelos e por um sentido harmónico e melódico que contrasta com a violência rítmica e os blocos de acordes. Este contraste é uma marca do estilo pessoal do compositor, e pode ser observado ao longo de todo o CD. *Estudo de Contraponto*, pequena peça para piano de 2005, ao contrário do que o seco título deixaria adivinhar, é uma poderosa junção de elementos apolíneos e dionisiacos, e somente os seus escassos 4' impedem voos maiores.

Nos *Onze Desejos*, opus 13, para violino e clarinete baixo, a peça mais antiga nesta panorâmica, encontramos novamente uma peça relativamente curta (9') mas, no meu entender, não só original na sua concepção instrumental (que resulta surpreendentemente bem), como intensa ao conceber um universo que concilia elementos mais «neutros» (os diversos *ostinati* e efeitos tímbricos no clarinete baixo, e por vezes no violino) e agressivos com um sentido poético do gesto musical que tornam estes elementos, tantas vezes «automáticos» noutros compositores, em motivos e texturas que agarram o ouvinte do princípio ao fim e o transportam, durante curtos mas poderosos minutos, para um mundo que clama por liberdade, poesia, mar, sonho e voo, desejos que os títulos de cada andamento sugerem. Três nomes nos vêm imediatamente à memória na audição desta música: Leoš Janáček, Olivier Messiaen e Dimitri Chostakovitch (o Messiaen do *Quarteto para o Fim dos Tempos* e o Chostakovitch dos últimos quartetos). Não pelo estilo, inimitável em todos estes compositores, mas pelo uso poético de elementos aparentemente neutros, como os *ostinati* e os pequenos motivos repetidos, sem desenvolvimento, e pela atmosfera intimista que concilia romantismo e modernidade de forma imensamente pessoal, uma linguagem afastada de escolas, correntes e modas, que com poucos elementos e num curto espaço de tempo diz tudo, sem retóricas inúteis.

Esta sensação renova-se na peça seguinte, a igualmente concisa *Glosa Goldberg*, opus 38, de 2010, para trio de cordas. Tivemos a oportunidade de assistir à estreia desta glosa sobre a célebre obra de Bach, e neste CD confirma-se que, mesmo nas peças mais aparentemente circunstanciais, ou tomadas como exercícios (caso do *Estudo de Contraponto* ou desta *Glosa*), Côrte-Real não consegue deixar de ser um compositor meticuloso, oferecendo-nos obras de uma frescura, intensidade e originalidade que normalmente só se encontram, noutros artistas, em obras «maiores».

Com o *Largo Intimissimo*, opus 28, de 2006, obra para trio de clarinete, violoncelo e piano, já antes registada em CD pelo *Trio Mediterran* (grupo sediado em Berlim e que encomendou, na altura, obras para o trio a quatro compositores portugueses), estamos sem dúvida perante uma dessas obras maiores, não somente pela duração (é a maior peça neste CD, com os seus 15' de duração), mas por todas as características que já antes mencionámos e que, no trio, atingem alturas estratosféricas. Como o título sugere, uma atmosfera íntima percorre a obra, o que não impede, aqui e ali, que a tensão acumulada surja à superfície, em rasgos violentos embora contidos. Este carácter «íntimo» é, aliás, inseparável da obra do compositor, mesmo naqueles géneros mais «públicos» e propensos a exteriorizações, como a ópera. Côrte-Real nunca escreve música exibicionista, nunca usa efeitos instrumentais ou vocais unicamente pelo seu brilho, nunca tenta «impressionar» o ouvinte com gestos superficiais ou vazios de conteúdo poético (e podia fazê-lo, possui uma técnica a toda a prova), e o resultado é uma arte voltada para dentro, por um lado, mas também voltada para a volúpia de escutar, para o *prazer* de fazer e ouvir música. O *Largo Intimissimo* impõe-se de forma inexorável pela sua força telúrica mas nunca abandona por completo o sonho e a reflexão interior. Uma obra maior, que mereceria, como várias outras do CD, ser incluída no repertório internacional deste tipo de agrupamento, e medimos bem as nossas palavras.

Estrategicamente colocado a meio do disco, o *Largo Intimissimo* parece ser aproximado pelas peças que o antecedem, e abandonado pelas que o precedem, como se a forma do próprio CD fosse ela própria musical: um longo crescendo até um clímax, seguido de um decrescendo até à extinção do som. Não que as três obras seguintes nos pareçam possuir menos qualidade ou interesse, mas pelo seu carácter e menor duração sentimos que a música está a regressar novamente ao silêncio do qual nasceu. A *Fantasia*, de 2006, comporta até um certo elemento irónico e bem-disposto, na sua paródia a alguns elementos da escrita barroca (tal como a *Glosa*, mas desta vez de forma mais lúdica).

Pranto, opus 17b, de 2002, para violino e viola, é novamente uma obra de algum peso, que com apenas dois instrumentos consegue dar-nos a sensação de escutarmos um quarteto de cordas completo, tal é a concentração musical que comporta. Já antes referimos o nome de Chostakovitch como um compositor cujas últimas obras de câmara se aproximam, pela atmosfera interiorizada, textura despida e rarefacção do gesto instrumental, de algumas obras de Côrte-Real. Invocaria

novamente em *Pranto* o nome do mestre soviético, e o seu derradeiro quarteto de cordas, uma sucessão fantasmagórica de seis andamentos lentos, no qual imperam os solos e os duos.

O CD poder-se-ia ter quedado por aqui. Depois de *Pranto*, a música como que desaparece de cena após recitar o seu epitáfio. *Coimbra*, opus 18, para violoncelo e piano, obra escrita entre 2003 e 2008 a partir da desconstrução de um fado, aparece assim como uma espécie de pequeno «extra» num concerto cujo pano de sala já desceu. Obra talvez mais circunstancial, pela temática/material e pelos cinco andamentos concentrados em escassos 3', ainda assim a sua maior leveza funciona surpreendentemente bem neste contexto. Não por acaso, o último andamento intitula-se *Despedida*. E é assim que nos despedimos deste disco admirável, que confirma, na nossa opinião, o lugar cimeiro de Nuno Côrte-Real na música portuguesa actual e, fosse Portugal uma nação dominante no mundo de hoje, certamente também um lugar cimeiro na música europeia contemporânea.

Superiormente tocada pelos elementos (e os convidados) do Ensemble *DARCOS*, que representa para o compositor o mesmo que a orquestra do Príncipe Esterházy representou para Haydn, o sexteto *The Fires of London* para Peter Maxwell-Davies, ou o *Grupo de Música Contemporânea de Lisboa* para Jorge Peixinho, ou seja, um laboratório pessoal onde cada nova peça pode ser ensaiada; a música surge aqui em toda a sua beleza, em todo o seu esplendor. Ligeiramente aumentado em relação ao efectivo básico (trio de cordas, piano e clarinete), os membros do grupo são, notoriamente, cúmplices do compositor e da sua música, que conhecem e apreciam (a ambos) profundamente. Não seria possível tocar melhor esta música, e todos os seus nomes merecem ser referidos aqui: Gaël Rassaert e Johannes Lörstad, violinos, Reyes Gallardo, viola, Filipe Quaresma e Mats Lidström, violoncelos, Fausto Corneo, clarinete e Helder Marques, piano.

A exigência artística tem sido, aliás, uma constante na programação e na direcção da *Temporada DARCOS*, na qual muitas destas obras foram estreadas. No campo da música de câmara tem-se assistido em Portugal a recitais (e/ou gravações) realizados por grupos reunidos apenas para esse efeito, e o resultado – ainda que de excelentes músicos se trate – denota quase sempre a falta de prática musical em comum ou a pouca familiaridade (por vezes ambas) com o repertório escolhido.

Com as notas de Afonso Miranda, as fotografias dos ensaios por Rui Mergulho e a captação de som de José Fortes (excelente gravação efectuada no Grande Auditório do CCB, sem dúvida uma das melhores salas do país, que peca apenas, a meu ver, por alguma dureza, o que torna a sonoridade geral ligeiramente agressiva), *Volupia* é, desde já, um dos itens mais atractivos do crescente catálogo da Numérica, etiqueta que tem vindo a ganhar em qualidade de gravação, produção e grafismo, pelo que está novamente de parabéns pelo excelente objecto artístico que é este CD monográfico de Nuno Côrte-Real.

Sérgio Azevedo é Professor-Adjunto do Curso de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, musicógrafo e um dos compositores portugueses mais activos e tocados da sua geração. Autor de dois livros, *Olga Prats – Um piano singular* (Bizâncio, 2007) e *A invenção dos sons* (Caminho, 1999), prepara actualmente um novo livro sobre a música no cinema. Em Fevereiro de 2014 estreou na Fundação Calouste Gulbenkian o *Concerto para clarinete*, encomenda da Fundação, e trabalha neste momento num novo concerto. Contacto: <sergioazevedo68@gmail.com>.

